

Dizimados pela malária, garimpeiros esperam

ÍNDIOS INFLEXÍVEIS: CUMARU SEM BRANCOS

Serra dos Gradaús — (De Agenor Garcia e Eduardo Kalif) — Continua tensa e desesperadora a situação de aproximadamente 5 mil garimpeiros localizados naquele local, devido à recusa dos índios Kaiapó, da reserva Gorotire, em liberar a pista de pouso tomada pelos índios na manhã do dia 1º de abril, em verdadeira operação de guerra que contou com uma marcha pela selva de mais de vinte quilômetros, partindo os guerreiros de sua aldeia, situada às margens do rio Fresco, hoje totalmente poluído pela ação predatória da garimpagem.

A decisão foi anunciada pelo porta-voz dos Kaiapó, o índio Paiaká, que serviu de intérprete às negociações mantidas entre os representantes da Funai, Nelson Marabuto, presidente; chefe de gabinete índio Marcos Terena; índio Megarom, chefe do parque nacional do Xingu; Salomão Santos, delegado regional da Funai e os caciques Kamhonk, Totoi e Ute, que comandaram a expedição Gorotire. O anúncio de que a liberação do garimpo não seria feita, tomou de surpresa os homens daquele garimpo, indistintamente. Há anúncio de que faltará comida, pois os índios não querem que o garimpo passe pelo processo de abastecimento. Além disso, continuam sendo colocados no posto da Sucam, localizada em Maria Bonita, uma média de 25 homens/dia, abatidos pela malária que já se tornou uma incontrolável epidemia nas grotas e rincões do garimpo, cujos baixios estão alagados pela chuva que continua caindo duramente na Serra dos Gradaús e Serra da Tocandeira.

A Polícia Federal, fortemente armada, está mantendo a calma no garimpo às custas de patrulhas e plantões dos agentes nos pontos estratégicos da pista de pouso. Apesar de tudo, é indistintamente a tensão que toma conta de todos os que estão trabalhando na área, coordenadores, Sucam, Polícia Federal e, principalmente os pilotos que estão preocupados com os índios que, ao menor sinal de contrariedade de suas ordens, suspendem todas as operações, confiscando os aviões, retendo as chaves de ignição, ou coisa que o valha. Pois os pilotos são obrigados a pedir as chaves para os índios quando são destacados para algum voo.

Os índios retiveram no garimpo todas as aeronaves que operam naquela serra. A rota Projeto Cumaru-Maria Bonita é sempre uma incógnita e os aviões somente são liberados para a remoção dos homens combatidos pela malária. Os técnicos da Sucam não param de trabalhar. O posto fica cheio de doentes, que chegam carregados em redes e, por não haver um local adequado, ficam esperando socorro, deitados no chão do pequeno posto. De Maria Bonita estes homens são encaminhados para o Projeto Cumaru. Outro em Redenção. Mas a grande maioria é deixada na pista de Cumaru, abandonada à sua própria sorte. Os mais resistentes procuram se safar, andando em andrajos pela rodoviária, abarrotadas de garimpeiros sem dinheiro nenhum, à espera do caminhão pau-de-arara que os desloca para as cidades mais próximas. A situação é constrangedora para técnicos e Polícia Federal que não sabem mais o que fazer com tantos doentes e pelo contingente de pessoas enfraquecidas pela malária. Segundo informações de técnicos da Sucam, os hospitais das grandes cidades do sul do Pará estão lotados de garimpeiros atingidos pela malária. Os homens passam fome e não há assistência médica condigna.

No garimpo, muitos casos foram enviados às pressas pelos pilotos aos hospitais pois os homens estavam em coma. E a situação, por si só, é desesperadora. Quem não pegou malária, já entrou na fila, dizem em Maria Bonita. Os enfermeiros trabalham com poucos medicamentos e há informação de que acabou a química necessária para a borrifação. Os garimpeiros estão sendo mantidos afastados da pista de pouso por uma linha imaginária, delimitada muitas vezes pelo final dos terreiros onde estão construídas as casas comerciais situadas ao lado da pista. Os homens não arriscam sair dos baixões com medo dos índios. A cada chegada de um garimpeiro nas redes, os índios

provocam uma grande zozona, à guisa de vaia, que terminam quase sempre com um grito rouco e assustador que ecoa na serra. As casas comerciais estão fechadas. Nas catas, as chupadeiras (equipamento de sucção) estão paradas e os donos dos barrancos que exploram os miseráveis garimpeiros reclamam que os prejuízos são incalculáveis. Um litro de óleo diesel em Maria Bonita está custando 3 mil e 500 cruzeiros. Uma hora de voo está sendo cobrado à base de até um milhão de cruzeiros na Serra dos Gradaús e imediações.

Apesar de anunciado que um barraco havia sido incendiado pelos índios, mesmo com os boatos correndo solto no garimpo, não houve confirmação do incidente, onde, inclusive, disseram que os índios ficaram com gravadores e outros objetos de uso dos garimpeiros. O coordenador do garimpo não confirmou esta notícia. Hélio Caetano Ferreira, que mantém interesses na cata daquele ouro, mantendo oito chupadeiras no local, autointitulou-se representante da comunidade garimpeira e declarou, ao saber que Maria Bonita não seria liberado, "que iria a Brasília para manter contatos com o deputado Sival Boaventura, compadre de Aureliano, "sou gente da cozinha da aquela casa" asseverou. E que montaria um lobby para sensibilizar as autoridades federais para o impasse criado em Gradaús.

De nada adiantaram as ameaças veladas de Hélio, mesmo porque o presidente da Funai, que a tudo ouviu pacientemente, declarou-se inteiramente favorável à atitude dos índios, recomendando a todos que procurassem se manter em calma em seus barracos ou que providenciassem a retirada das terras indígenas. Hélio retrucou dizendo-se "surpreso com tudo" e perguntou a Marabuto se ele tinha conhecimento dos prejuízos que adviriam da atitude dos índios em não reabrir o garimpo. Marabuto sequer respondeu. Disse que todas as providências serão tomadas assim que mantiver novos entendimentos em Brasília e que viria ao Pará e Maria Bonita, todas as vezes que for necessário.

Medidas paliativas

O representante do DNPM, José de Moura Villas-Boas, ainda por ocasião do anúncio dos índios, pediu a palavra e perguntou a Marabuto, se "não havia possibilidade de ser encontrada uma solução que pudesse atender os interesses das partes". Ali mesmo em Maria Bonita, ao invés de se esperar por uma decisão que ainda seria tomada, sabe quando, em Brasília. Alertando que o problema continuaria devido aos feriados da Semana Santa quando, todos em Brasília, quando podem, abandonam a cidade rumo, principalmente, ao Rio de Janeiro. Sem dar uma resposta direta ao representante do DNPM, Marabuto considerou a sugestão de Villas-Boas insustentável pois sabia que a comunidade indígena não arredaria pé da situação.

Em resumo, os índios não querem mais os garimpeiros em Maria Bonita e em nenhum outro lugar de suas terras. Megaron disse que já se foi o tempo do índio bobo. Os índios brasileiros estão lutando pelos seus direitos, pela sua autonomia, estão lutando pela sua afirmação étnica, querem a definição de suas fronteiras, com a demarcação das reservas. E, num prazo bastante curto, a definição de um convênio que estipule novas condições para a exploração de minérios em suas terras, caso não seja possível acabar com a garimpagem dentro da reserva.

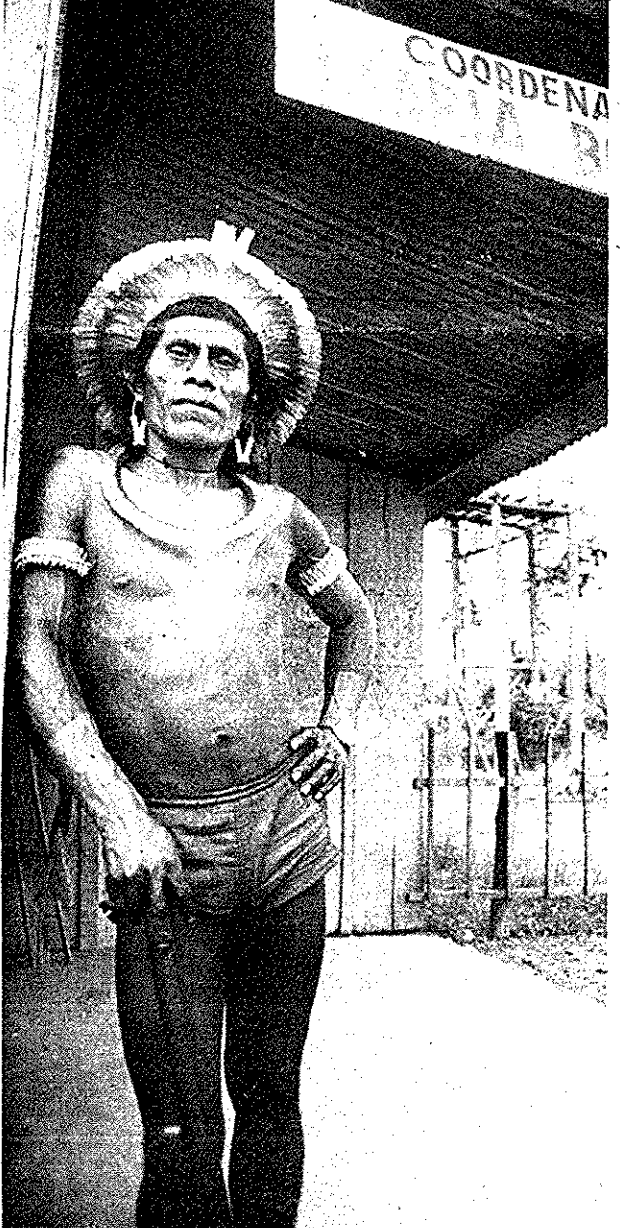
Marabuto, comentando a falta de pagamento dos direitos dos índios, disse que a resposta da CEF à sociedade brasileira, sobre o não pagamento do dizimo, era uma "mentira deslavada". Reafirmou que "o convênio vigorava por 3 anos, encerrado em 31 de março de 1984 e vinha sendo mantido sem embargos. Portanto, não vejo como a CEF deixar de fazer o pagamento atrasado". Marabuto fez estas declarações justificando as informações que segundo ele, foram lidas nas publicações dos jornais brasileiros.



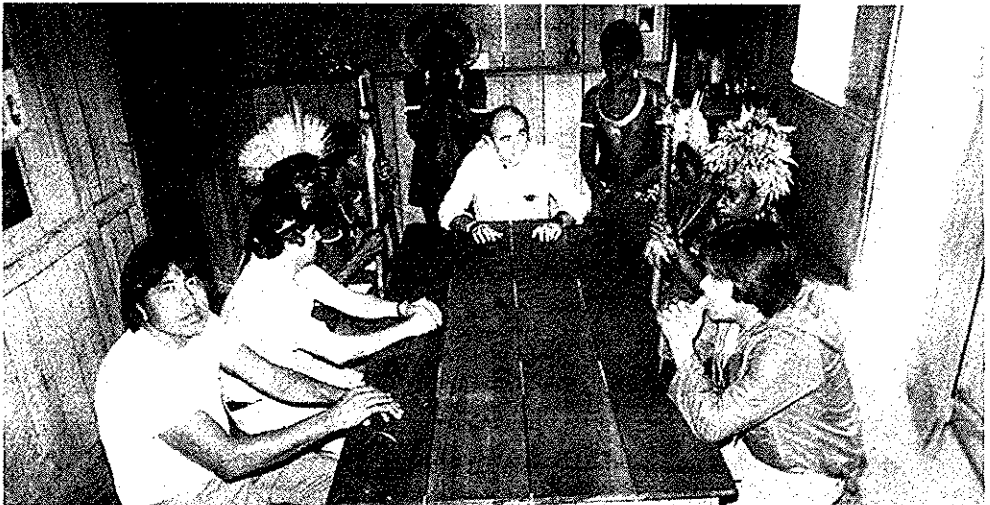
Perto do avião que tentou apanhar, um homem cai, vítima de malária que atinge a grande maioria



O LIBERAL serve de passaporte: notícia dada, exigência cumprida



Na coordenação, agora apenas índios



Marabuto reúne-se com os índios. Sem acordo imediato



A guarda dos aviões é incessante, apesar dos índios terem recolhido todas as chaves de ignição.